



FEST 8: a ocupação cultural de juventudes negra e periférica em espaço público

Leticia Ambrosio¹
Alice Fernandes de Andrade²
Carla Cristina Pianca do Prado³
Karolina Teixeira de Brito⁴
Carla Regina Silva⁵

Resumo: A juventude brasileira pobre, periférica, e majoritariamente, negra, carrega no corpo marcas de rejeição, negação e exclusão social. O hip-hop é uma prática expressiva, cultural, política e representativa dessa população. Esse trabalho tem como objetivo apresentar projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão universitária: “Expressões potentes da juventude: corpo e arte” e “Hip-hop em cena: redes conectivas entre arte periferia e universidade”, realizados, respectivamente, nos anos de 2018 e 2019, numa periferia no município de São Carlos. Os projetos visaram promover espaços de expressões culturais juvenis periféricas, possibilitar a ocupação de espaços públicos de cultura e lazer pelos jovens, e ampliar as potências e possibilidades de valorização desses jovens negras e negros.

Palavras-Chave: Juventudes. População negra. Cultura. Terapia Ocupacional.

FEST 8: the cultural occupation of black and peripheral youth in public space

¹ Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos, Mestre e Doutoranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. Membro do Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. São Carlos, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0705-6309>. E-mail: leambrosio.to@gmail.com.

² Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2419-3711>. E-mail: aliceandrade@estudante.ufscar.br.

³ Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1318-7495>. E-mail: carla.pianca.cp@gmail.com.

⁴ Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5268-6268>. E-mail: karolina.teixeira95@gmail.com.

⁵ Terapeuta Ocupacional, Mestre e Doutora em Educação. Pós Doutorado em perspectiva crítica decolonial. Professora do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Líder do Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. São Carlos, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>. E-mail: carlars.ufscar@gmail.com.



Abstract: Brazilian youth, poor and peripheral, mostly constituted of young blacks, are defined by rejection and social exclusion. Hip-hop is an expressive, cultural, political and representative practice for black and peripheral people. This article aims to present integrated teaching, research and university extension projects: “Powerful youth expressions: body and art” and “Hip-hop on the scene: connecting networks between peripheral art and the university”, realized respectively in the years 2018 and 2019, in a periphery of São Carlos city. The projects aimed to promote public spaces for valuing peripheral youth cultures, expand the powers and possibilities of valuing young peripheral, mostly black people.

Keywords: Youth. Black population. Culture. Occupational therapy.

1. Introdução

As juventudes pobres e periféricas, majoritariamente constituída por jovens negros e negras, carregam expressões das representações hierárquicas de processos históricos, sociais, políticos e culturais brasileiros que marcam esses corpos negros com intensos movimentos de rejeição e negação (GOMES, 2003).

O genocídio e a marginalização da população negra no Brasil, que afeta intensamente as juventudes, vão se justificando e concretizando na forma de políticas genocidas, desde o início da colonização, como o branqueamento da raça e o embranquecimento cultural (NASCIMENTO, 1978). Em nome do progresso social e econômico, justificou-se e justifica-se, ainda, a exploração física e sexual dos corpos de mulheres e homens negros e negros (NASCIMENTO, 1978).

Desde a abolição da escravatura, a população negra foi largada à própria sorte, tendo de aceitar a completa degradação econômica ou submeter-se às condições exploratórias de trabalho (FERNANDES, 2008). Assim, temos a conformação de uma condição tríplice – racial, de classe e etária –, que interfere diretamente nas trajetórias de vida dos jovens negros.

Kabengele Munanga (2009) sugere que o movimento de Negritude se apresente como elemento de valorização das culturas e identidades negras, assimilando a diáspora africana e propondo lutas poéticas e políticas capazes de produzir coletividades negras e uma civilização universal pautada na solidariedade.

A arte e a cultura produzidas em espaços urbanos marcados pelas desigualdades, exclusões e pobreza, majoritariamente ocupados por negros, têm essa capacidade de integrar expressão e potência sobre o vivido através de criações, denúncias e integração. Apresentando formas possíveis de produzir vida em meio ao descaso, ao abandono e ao massacre das populações negras. Assim, o “hip-hop oferece a possibilidade de dar voz às ideias e traduzi-las em atitudes” (SOARES; BILL; ATHAYDE, 2005, p. 150).



Compreendendo a racialização das juventudes periféricas, a arte e a cultura da periferia como formas de expressão dessas juventudes, propomos reflexões sobre as práticas de Terapia Ocupacional no campo da Cultura nos atravessamentos com as perspectivas étnico-raciais.

1.1. Terapia Ocupacional, cultura e perspectiva étnico-racial

A cultura é compreendida como forma de existência/resistência humana e possibilidade de contato genuíno com o outro, que desvele a potência na ação da Terapia Ocupacional, em conexão intrínseca com a questão dos direitos humanos e sociais na busca pela valorização da diversidade como processos centrais de atuação (SILVA *et al*, 2019, p. 244).

Na Terapia Ocupacional, o campo da cultura tem sido explorado com diferentes proposições, que vão desde as análises das culturais das ocupações e atividades humanas, das artes como meio, estratégia ou recurso de intervenção, a cultura como campo de prática e a própria compreensão da centralidade da cultura para a transformação social (SILVA *et al*, 2016). Essa disciplina tem produzido práticas e saberes na interface com a cultura, em diferentes perspectivas, que buscam:

a) considerar a produção de bens simbólicos culturais, junto ao processo de produção e projeção de vidas e subjetividades; b) defender o direito ao acesso, envolvimento, expressão, produção e consumo de cultura, para a efetivação da cidadania cultural; c) compreender a cultura como fator de desenvolvimento social e econômico (inovador, inclusivo e sustentável) das sociedades, se aproximando da economia criativa e a profissionalização da criatividade; d) mapear as produções, as diversidades e expressões culturais nas áreas de atuação; investir em produção e gestão cultural para qualificação inclusiva, acessível e democrática na construção de produtos e espaços culturais; f) participar do resgate e valorização da memória e do patrimônio cultural; g) se aproximar das mudanças nas redes de relação, na comunicação e nos usos das tecnologias de informação, dialogando sobre virada cultural, inteligência coletiva, cibercultura, cultura de convergência e narrativa transmídia; entre outras possibilidades (SILVA *et al*, 2016).

Comprometidas com o compromisso ético e político de promover o acesso à cultura como um direito, as práticas terapêuticas ocupacionais se desenvolvem em três diferentes frentes: fruição cultural, produção cultural e gestão cultural. A *fruição cultural consiste em* usufruir, aprender, compartilhar e vivenciar expressões artísticas e culturais, conhecer novas linguagens, participar de circuitos culturais e ampliar repertórios. Já a produção cultural visa promover acessos e criar espaços e técnicas, gerar produtos materiais, imateriais ou virtuais, possibilitando também a geração de renda. Por fim, a gestão cultural busca gerenciar e gestar carreiras, projetos e ações culturais, utilizar planos de comunicação e outras estratégias de promoção de artistas e empreendimentos culturais (SILVA *et al*, 2019).



Com isso, compreendemos que é condição *sine qua non* compreender a Terapia Ocupacional na interface com a cultura a partir da perspectiva étnico-racial que corrobore com a compreensão, a denúncia e a construção de práticas que não inviabilizem ou silenciem as questões raciais presentes nas dimensões sociais, econômicas e culturais que enfrentam a maioria das pessoas e grupos racializados.

Dessa forma, compreendemos, a racialização como uma categoria de análise social e política, que nos permite inferir sobre a colonização e dominação branca com relação aos países e grupos não brancos, colonizados e explorados (GILROY, 2007), e movimento das diásporas afro-brasileiras, como produtor de múltiplas identidades e, ao mesmo tempo, como possibilidade de habitar uma identidade coletiva e territorializada (HALL, 2003).

Tendo em vista a construção de uma estrutura histórica e hegemônica pautada em uma perspectiva colonial e racista da sociedade, compreende-se que as pessoas negras estão mais vulneráveis à exclusão, assim como, suas atividades humanas, ocupações e participação social. Por isso, consideramos o compromisso na Terapia Ocupacional de superar e romper com o *apartheid ocupacional*, o qual é considerado “como condição sistêmica estabelecida pelo contexto, mais ou menos crônicas, que negam à pessoa marginalizada o acesso à participação em ocupações que possam considerar como significativas ou úteis para eles” (KRONENBERG; POLLARD, 2006, p. 63).

Como terapeutas ocupacionais, podemos contribuir produzindo estratégias, reflexões e práticas contra hegemônicas, antirracistas e não-heterocispratriarcais, para promover a superação e enfrentamento dessas opressões (SILVESTRINI, SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019), afinal acreditamos na capacidade de “terapeutas ocupacionais de acompanhar as transformações e as lutas sociais, promovendo espaços de cidadania, empoderamento, emancipação e, principalmente, espaços de existência das diversidades” (AMBROSIO, 2020, p. 135-136).

A partir da Terapia ocupacional no campo da cultura, Takeiti e Vicentin (2019) sugerem que as periferias sejam tratadas como territórios de existências, possibilitando (re)construir identidades, subjetividades e expressividades de várias juventudes. As autoras apontam que o protagonismo dos jovens produz efeitos de ordem individual e coletiva para o enfrentamento de todas às formas de violência às quais os jovens negros periféricos estão submetidos (TAKEITI; VICENTIN, 2019).

A partir destas considerações, apresentamos experiências práticas integradas entre ensino, pesquisa e extensão, realizadas na composição da terapia ocupacional no campo da cultura sob perspectiva sociológica e étnico-racial, que buscou ampliar as potências e possibilidades de expressão e valorização de jovens periféricos, em sua maioria, negras e negros.



2. Metodologia

Apresentamos neste trabalho o projeto “Expressões potentes da juventude: corpo e arte”, realizado no segundo semestre de 2018, desenvolvido pelo Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) em parceria com a Estação Cidadania – Cultura Emílio Manzano⁶ (CEU das Artes), que teve como objetivo mapear o território no entorno deste serviço, compreendendo os deslocamentos juvenis culturais e de lazer, as dificuldades no acesso e a articulação com os gestores do serviço.

A equipe do projeto foi constituída pela professora vinculada ao departamento de terapia ocupacional coordenadora do AHTO, por estudantes de graduação do curso de terapia ocupacional e por uma estudante de mestrado vinculada ao Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional (PPGTO-UFSCar).

Todo trabalho foi realizado intervenção comunitária e territorial direta, além de encontros de supervisão, planejamento, registro e memória e grupos de estudos temáticos.

A realização do projeto aconteceu em etapas: (i) mapeamento do território: serviços e equipamentos públicos, privados e do terceiro setor que atendiam o público jovem; (ii) mapeamento de atividades no CEU das Artes que promoviam a participação de jovens; (iii) mapeamento, com a população, de dificuldades e estratégias de acesso ao serviço; (iv) articulação com gestores para planejamento colaborativo frente as dificuldades mapeadas.

A partir dos resultados e demandas identificadas durante a realização deste projeto, demos continuidade às ações através do projeto “Hip-Hop em cena: redes conectivas entre arte, periferia e universidade”, realizado no segundo semestre de 2019 em formato de um Festival Cultural nomeado como “FEST8”.

Este Festival Cultural foi realizado em parceria com o CEU das Artes Emílio Manzano, com a Prefeitura de São Carlos, o Serviço Social do Comércio (SESC) São Carlos e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial São Carlos (SENAC) São Carlos e demais parceiros da comunidade, com uma equipe ampliada e diversa, envolvendo mais de 10 estudantes de diferentes cursos de graduação.

O FEST8 foi planejado, pensado e executado a partir dos conceitos

⁶ As Praças Estação Cidadania – Cultura foram criadas pelo Programa de Aceleração de Crescimento (PAC-2), em 2010, durante o governo da Presidenta Dilma Rousseff, sob coordenação do extinto Ministério da Cultura em parceria com municípios. Num mesmo espaço físico, as Praças ofertam atividades culturais, esportivas, de lazer, formativas e de qualificação para o trabalho, e são construídos, preferencialmente, em comunidades de alta vulnerabilidade social. Os espaços podem contar com edifício de usos múltiplos, biblioteca, cinema-teatro, telecentro, parque infantil, pista de skate, quadra poliesportiva, pista de caminhadas e áreas de convivência, além disso, pode estar integrada a um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) (BRASIL, 2014). Em 2019, com a posse de Jair Bolsonaro seguida da extinção do Ministério da Cultura, a Portaria nº 876, de 15 de maio de 2019, publicada em Diário Oficial, passou a coordenação das Praças para o Ministério da Cidadania, e alterou o nome do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU das Artes), para Estação Cidadania – Cultura. As normas de funcionamento, permaneceram as mesmas.



de *fruição cultural, produção cultural e gestão cultural*, como já descrito anteriormente.

3. Resultados e discussões

Os resultados e discussões serão apresentados em duas seções: na primeira, com os resultados do projeto “Expressões potentes da juventude: corpo e arte”, evidenciando os desfechos que proporcionaram a realização do segundo projeto. E na segunda seção, com os resultados e as discussões sobre o projeto “Hip-Hop em cena: redes conectivas entre arte, periferia e universidade”.

3.1. Mapeamento e articulações territoriais: entre tensões e disputas no equipamento público de cultura

A equipe do projeto estabeleceu parceria com os profissionais do CEU das Artes que facilitou o contato com outros serviços e projetos, a fim de compreender as dinâmicas, os deslocamentos e os envolvimento dos jovens no território.

Foram realizados contatos com os seguintes equipamentos: Unidade de Saúde da Família; uma unidade educacional de período integral vinculada a rede Salesianos; dois Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEI); uma escola pública de Ensino Fundamental Ciclo II; uma unidade filantrópica do *Rotary Club* e sede da Torcida Organizada Gaviões da Fiel.

Através das visitas, adentramos o território, conhecemos membros da comunidade, visitamos algumas casas, conhecemos algumas famílias dos/das jovens, mapeamos equipamentos públicos, privados e ligados ao terceiro setor, importantes para a estruturação da comunidade e identificamos algumas dinâmicas. Identificamos que havia espaços públicos subutilizados pela comunidade, principalmente o espaço CEU das Artes, e que haviam relações conflituosas entre os serviços e a comunidade.

Nesse sentido, é preciso considerar uma série de fatores e situações, inclusive o legado de um passado colonial, ainda presente nos dias atuais, que categorizam e classificam os corpos historicamente racializados como inferiores e marginais, não dignos do acesso aos direitos básicos, fadados à pobreza, miséria e à permanência no mesmo lugar ao qual foram destinados após a abolição: as favelas.

Florestan Fernandes (2008) ao discutir a formação da sociedade brasileira, aponta que a abolição da escravatura foi uma política que tinha mais a ver com os interesses econômicos, do que com uma preocupação de fato com as pessoas negras. As pessoas negras escravizadas, tendo sido expulsas das fazendas, sem possibilidade de habitar outros lugares, fixaram-se em espaços e construções menos bem quistos da cidade: a periferia, na qual se constituem



e materializam forças de resistência e de exclusão (FERNANDES, 2008).

De acordo com Telles (2003), logo após a abolição, uma série de estudos brasileiros nas áreas biológicas e das ciências médicas apontavam problemas naturais dos negros, como incapacidades intelectuais e instinto criminoso. Estudos que subsidiaram as construções dos Códigos Penais da época e contribuíram para a marginalização, encarceramento e assassinato em massa das comunidades negras e, conseqüentemente, para o apagamento das expressões culturais negras (TELLES, 2003).

Ao longo dos anos, a consolidação do imaginário social racista, classista e excludente contribuiu para a construção dos estereótipos em relação às periferias, construídos em torno do estigma da violência e da extrema pobreza, já que “negar a violência é impossível, mais fácil é dizer que ela não acontece em seu bairro. Disto resultam duas máximas nativas: ‘o pobre é sempre o outro’ e ‘lá, é mais violento’ (ALMEIDA, ANDREA, LUCCA, 2008, p.121).

O território onde realizamos as ações pertence a uma cidade cujo crescimento se deu por meio da lavoura cafeeira no final das décadas do século XIX, possui atualmente um polo empresarial e tecnológico desenvolvido, composto inclusive por duas grandes Universidades, do outro reflete a desigualdade social, a insuficiência e a negligência do setor público. A partir da UFSCar, podemos chegar ao bairro de três maneiras: pela rodovia, por um caminho que leva 10 minutos de carro; de ônibus, num percurso que leva mais de uma hora; ou por um caminho estreito, batido de terra que leva de 3 a 4 minutos de carro, mas quase sempre cercado de entulho que, algumas vezes, bloqueava ou dificultava a passagem (SILVA *et al*, 2019).

Em conversas com os jovens muitos afirmaram não frequentar muitos espaços públicos, com exceção da Unidade Básica de Saúde e do campo de futebol, que se encontrava em condição bastante precária. Outros moradores, membros de famílias que recebem auxílios socioassistenciais, frequentam o CEU das Artes para o acompanhamento obrigatório junto ao CRAS. Eles relataram desconhecer as atividades culturais e de qualificação profissional oferecidas neste espaço, apesar da integração física entre espaço de esporte, cultura e o serviço socioassistencial. Esse dado revela diferentes nuances das dificuldades de uma rede restrita de suporte e apoio para dentro da comunidade marginalizada e excluída no circuito municipal.

Uma das ações realizadas pelo projeto foi a proposição de uma reunião conjunta entre o projeto, o gestor geral do CEU das Artes e os coordenadores responsáveis pelos setores de Esportes e Cultura e Assistência Social para discutir o acesso ao equipamento. A metodologia utilizada foi o Planejamento de Projeto Orientado por Objetivos (ZOPP), método de planejamento participativo partindo de um problema central (BOLAY, 1993).

O problema central definido foi “*Dificuldade de implementação do CEU de acordo com seus princípios e política*”, a partir daí foi construída a árvore de problemas com causas e efeitos e em seguida a árvore de solução de problemas,



de acordo com o método ZOO. Com o debate suscitado foi possível levantar possíveis problemáticas envolvidas na adesão dos jovens ao equipamento público (SILVA *et al*, 2019).

Dessa discussão, construímos e aplicamos um questionário direcionado ao público que acessa o CRAS e não frequenta as oficinas do CEU das Artes. O questionário foi respondido por 33 pessoas, com idades entre 22 e 71 anos, sendo oito homens e vinte e cinco mulheres. Os resultados corroboraram com os relatos dos moradores, mostrando que a maioria das pessoas não tinha conhecimento das atividades e oficinas oferecidas, sendo esse um dos fatores para não frequentarem o espaço (SILVA *et al*, 2019).

Além disso, percebemos que violências, machismos e conflitos familiares apareciam como um fator de impedimento, bem como, relações e conflitos com profissionais. Outro fator indicado como fator limitante ao acesso da comunidade foi o horário de funcionamento do espaço pois, apesar de estar previsto na política sua abertura 24 horas por dia (BRASIL, 2014), não havia infraestrutura e investimento suficiente, desta forma, este espaço funcionava de segunda a sexta, das 8 às 17 horas (SILVA *et al*, 2019).

O espaço também foi construído com portões e cercas, na entrada um funcionário da guarda-civil controlava o acesso. Segundo a gestão, essas ações foram necessárias devido a um suposto tráfico de substâncias ilícitas, uso de drogas e depredação do local, que ocorriam antes das intervenções restritivas (SILVA *et al*, 2019). Esse é um exemplo das situações que geravam tensões na relação entre serviços públicos e os jovens da comunidade.

Imagem 1: Manobra de Skate



Fonte: Imagens captadas pela equipe de trabalho durante o Festival.



Diante das construções históricas, políticas, sociais e econômicas já apresentadas, é preciso compreender criticamente a procura de alguns jovens por formas alternativas e de alto risco para sobreviverem economicamente, consequência dos processos históricos ainda não reparados, e que ainda se mantém produzindo desigualdades sociais degradantes e excludentes.

Se, por um lado, é exigido que os jovens tenham cada vez mais qualificações para ingressar no mercado de trabalho, por outro, sabemos que a maioria das pessoas desempregadas, 64%, são negras e que 53% da população negra não completa o ensino fundamental, em comparação com a população branca, que o número de não concluintes chega a 38% (PNAD, 2018).

Esta realidade soma-se que o desemprego é estrutural e o sistema de desenvolvimento político e econômico está pautado no consumo. Na busca de encontrar formas de sobreviver e consumir, temos a precarização do trabalho, formal e informal, no qual as atividades de tráfico estão penetradas. Das quais, os jovens visualizam uma possibilidade de pertencer ao tecido social, de forma que, entende-se o pertencimento a partir do que se tem em âmbito material e capitalista (ALMEIDA, ANDREA, LUCCA, 2008). Para Galdeano e Almeida (2018), o tráfico aparece na vida de adolescentes e jovens como uma continuidade de outras explorações do trabalho infantil e trabalho formal, vivenciadas tanto pelos jovens quanto por seus familiares.

Diante dos resultados, compreendemos que boa parte da população não se sentia pertencente ao espaço e que determinadas regras, estratégias de comunicação e de organização dos serviços não favoreciam a participação das pessoas, sobretudo para usufruir os espaços de esporte, lazer e cultura, posto que havia contradições entre o que é, como é ofertado e o que é esperado pela comunidade.

3.2. Hip-hop em cena: juventudes negras ocupando e ressignificando lugares

Desde meados do século XX, grupos étnico-raciais identificados enquanto grupos negros reivindicam espaços culturais e identitários, principalmente nos fluxos culturais nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, provocando a construção de uma identidade brasileira afro-diáspórica (SANTOS, 2011). Como consequência dessas organizações políticas e culturais, entre as décadas de 1960 e 1970, surgiram os bailes *blacks* de São Paulo, como alternativas de lazer para as pessoas negras que, por fatores sociais e econômicos eram impedidas de frequentar outros espaços (SANTOS, 2011). Até a década de 1990, esses bailes *blacks* incorporaram o Rap, os DJ e o *break*, contribuindo para a consolidação do Hip-hop como prática expressiva, cultural, política e representativa da população negra e periférica (SANTOS, 2011).

Diante das demandas relacionadas ao baixo acesso da comunidade



ao espaço do CEU das Artes e tendo as expressões do *Hip-hop* como potencializadoras de uma identidade cultural racializada e da diáspora afro-brasileira, o Festival Cultural “FEST 8”, teve como objetivo ampliar e compartilhar experiências culturais, principalmente negras, estimulando a cultura local por meio de expressões artísticas diversas, combinando com o potencial já existente nesta comunidade e de educadores e artistas que desenvolvem trabalho neste território.

A curadoria deste evento foi realizada de forma integrada com a comunidade e parceiros do CEU das Artes, contando com apoio essencial do Centro Municipal de Arte e Cultura (CEMAC) e dos fundadores do Projeto “Skate Cidadão”, projeto social bastante reconhecido pela comunidade e, principalmente, pelos adolescentes e jovens. Todas as ações de integração e articulação visaram o acolhimento de demandas dos jovens e ações de empoderamento com relação ao espaço pela comunidade.

O Festival Cultural, que foi realizado durante um final de semana, nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2019 no espaço do CEU das Artes, contou com atividades diversificadas para diferentes grupos etários que foram pensadas de forma colaborativa com membros da comunidade. O “Campeonato de Skate”, evento já ocorrido anteriormente, foi a atração central do evento, reunindo crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as idades e gêneros, atraindo atenção, principalmente, dos jovens que não frequentavam o espaço. O campeonato ocorreu em associação com as apresentações de Hip-hop.

Imagem 2: Oficina de Shape



Fonte: Imagens captadas pela equipe de trabalho durante o Festival.



Outras atividades que aconteceram foram: roda de capoeira; pintura de shape⁷; manutenção de rampas de skate; apresentação de dança do ventre; oficina de artesanato para crianças e mães; shows de rap e break; Design de sobancelhas; oficina de Rádio: Grave sua voz; Sarau das Minas; Exibição de filmes; Oficina de percussão; Apresentação de Teatro; Espetáculo de Circo e brincadeiras.

Durante todo processo, percebemos a construção ativa e protagonista dos jovens, adolescentes e crianças nas atividades, e uma apropriação dos espaços que não são vistos cotidianamente na Praça. Os jovens, principalmente, ditavam o ritmo das atividades, se interessavam em ajudar na organização dos espaços para realização das atividades, ocupavam os espaços que desejavam, sem serem cerceados, se relacionavam entre si e com os membros da equipe com mais horizontalidade e sem (re)produção de violências e opressões mútuas, usufruíram de diversas possibilidades de existir e de experimentarem-se.

A construção conjunta das atividades, também aproximou alguns jovens da equipe de trabalho, possibilitando diálogos de mais profundidade e pertencimento para este grupo. Uma vez que esses jovens se sentiam pertencentes ao espaço, agregavam outros membros da comunidade para a participação coletiva.

As oficinas de design de sobancelhas, a apresentação de dança do ventre e a Oficina de Artesanato para crianças e mães, agregou um público jovem e adulto de mulheres mães que não costumam frequentar o espaço para nenhuma prática cultural ou de lazer. Além disso, as oficinas de artesanato e as oficinas para brincar, se constituíram em espaços de cuidado e atenção para as crianças pequenas, dando possibilidades às mulheres mães e mulheres cuidadoras de crianças (irmãs, tias, vizinhas) de participarem de outras atividades que desejassem.

Imagem 3: Atividades para crianças e mães



Fonte: Imagens captadas pela equipe de trabalho durante o Festival.

⁷ Shape é o nome dado a prancha de madeira que constitui o skate.



Imagem 4: Seleção de imagens do FEST 8



Fonte: Imagens captadas pela equipe de trabalho durante o Festival.

Imagem 5: Ocupação da quadra- apresentação de Hip-hop



Fonte: Imagens captadas pela equipe de trabalho durante o Festival.



O evento foi bem avaliado pela comunidade participante, equipe e profissionais do esporte, cultura e assistência social. O evento teve participação de aproximadamente 200 pessoas em cada um dos dias de evento, sendo a maioria crianças. Adolescentes e jovens participaram de atividades variadas, com mais intensidade no campeonato de skate e os shows de hip-hop, produzindo expressões culturais e ocupando o espaço.

Por fim, o Festival Cultural, através de uma abordagem coletiva, horizontal e sensível, contribuiu para as trocas e multiplicação de saberes que refletiram diretamente em ações de empoderamento e valorização das experiências e conhecimentos dos jovens da comunidade. O evento demonstrou ser instrumento para transformar o cenário que a equipe encontrou quando iniciou as práticas. Além de cumprir o objetivo inicial de valorização da cultura periférica e estimulação da cultura local por meio de expressões artísticas.

4. Considerações finais

Pode-se perceber o potencial da terapia ocupacional no campo da cultura a partir de seu compromisso ético político junto à população negra. A valorização, as trocas, os afetos e o engajamento presentes na prática comprometida fazem-se de suma importância para promoção do ser e sentir do sujeito em suas particularidades no mundo, ainda mais significativas, dadas aquelas que marcam e configuram a existência das vidas negras.

Através da realização das experiências práticas descritas e com a aproximação com o território e comunidade, foi possível reconhecer estruturas e identificar dinâmicas na relação com espaço público. Nesse sentido, ainda que espaços públicos representem possibilidades de ampliação dos direitos, cidadania e participação, é preciso desconstruir e superar os processos permeados por fatores de um passado colonial, que ainda nos dias atuais permanecem categorizando e inferiorizando corpos negros.

Compreende-se a urgência de se pensar ações que possam deslocar-se para uma perspectiva de valorização e empoderamento dos jovens negros, em que haja protagonismo de suas vozes, e que a partir do fazer, sentir e pertencer pela cultura possa haver uma mudança na consciência crítica e transformação social.

A terapia ocupacional em interface com a cultura se manifesta como um movimento de luta pela defesa e ampliação de direitos e cidadania contribuindo para produção de práticas e saberes que buscam romper com processos hegemônicos e violentos de classificação, desvalorização e hierarquização de pessoas e coletivos.

Assim, a partir de práticas integradas entre ensino, pesquisa e extensão, realizada sob a perspectiva dos saberes da terapia ocupacional e cultura em interface com a discussão étnico-racial, se exerce a função social



da universidade pública de forma dialógica e em composição com demais agentes, contribuindo para a formação consciente e engajada.

Essas práticas podem ampliar espaços de expressão, onde estes jovens manifestam suas identidades, subjetividades por meio de processos criativos, posicionamento estético e político, onde estão presentes as violências que atravessam seus corpos e cotidianos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiarajú; DELUCCA, Daniel. Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 82, p. 109-130, nov. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000300006&lng=en&nrn=iso. Acesso em agosto 2020.

AMBROSIO, Leticia. **Raça, gênero e sexualidade**: uma perspectiva da Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12374>. Acesso em agosto 2020.

BRASIL. **Centros de Artes e Esportes Unificados Conheça os Ceus**: O programa. Brasília, 2014. Disponível em: <http://ceus.cultura.gov.br/index.php/conheca-os-ceus/o-programa>. Acesso em agosto 2020.

BOLAY, F.W. **Guia para aplicação**: planejamento de projeto orientado por objetivos: método ZOPP. Recife: GTZ; 1993.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da "raçabranca". São Paulo: Ed. Globo, 5ª ed., v. 1, 2008.

GALDEANO, Ana Paula; ALMEIDA, Ronaldo (Coord.) **Tráfico de drogas entre as piores formas de trabalho infantil**: mercados, famílias e rede de proteção social. São Paulo: CEBRAP, 2018.

GILROY, Paul. **Entre Campos: nações, culturas e fascínio da raça**. São Paulo: Anablume, 2007.

GOMES, Nilma L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, mai./jun./ago., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em agosto 2020.



KRONENBERG, Frank; POLLARD, Nick. Superar el apartheid ocupacional: exploración preliminar de la naturaliza política de la terapia ocupacional. In: KRONENBERG, Frank; ALGADO, Salvador S.; POLLARD, Nick. **Terapia ocupacionais in fronteras: aprendiendo el espíritu de supervivientes**. Buenos Aires – Madrid: Médica Panamericana, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SANTOS, Jaqueline L. **Negro, Jovem e Hip Hopper: História, Narrativa e Identidade em Sorocaba**. 2011. 181f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Marília, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88796/santos_jl_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em agosto de 2020.

SILVA, Carla R. et al. Cultura, atividades humanas e Terapia Ocupacional. Anais do XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional/2015. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro; Atoerj, 2016. p. 338.

SILVA, Carla R. *et al.* Proposições da Terapia Ocupacional na Cultura: processos sensíveis e demandas sociais. In: SILVA, Carla Regina (Org.). **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber- fazer, cultura, política e resistências**. São Paulo: Hucitec, 2019. pp. 235-261.

SILVA, C. R. *et al.* **Relatório Final: Projeto de Extensão Expressões Potentes da Juventude: Corpo e Arte**. Pro-Reitoria de Extensão. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

SILVETRINI, Marina S.; SILVA, Carla R.; ALMEIDA PRADO, Ana Carolina S. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** São Carlos, v. 27, n.4, p. 929-940, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2526-89102019000400929&script=sci_arttext. Acesso em agosto de 2020.

SOARES, Luiz Eduardo; BILL, MV; ATHAYDE, Celso. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

TAKEITI, Beatriz A.; VICENTIN, Maria Cristina G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais.



Fractal, **Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. esp., dez./ jan., 2019.
Disponível em: http://dx.doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028.
Acesso em agosto 2020.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica.
Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Como citar este relato de pesquisa:

AMBROSIO, Leticia; ANDRADE, Alice Fernandes de; PRADO, Carla Cristina Pianca do; BRITO, Karolina Teixeira de; SILVA, Carla Regina. FEST 8: a ocupação cultural de juventudes negra e periférica em espaço público. **Áskesis**, São Carlos - SP, v.9, n. 1, p. 176-191, jan./jun. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9120.553>

Data de submissão do artigo: 13/08/2020

Data da decisão editorial: 07/02/2021